

DILEMAS INTELECTUAIS NA AMÉRICA LATINA

Lúcio Flávio Vasconcelos*

Introdução

A partir de 1870, novas idéias repercutiram fortemente nos meios intelectuais latino-americanos. Com o crescimento das cidades e o desenvolvimento da economia agro-exportadora, formou-se uma significativa clientela consumidora, ávida de doutrinas que explicassem cientificamente o nível de desenvolvimento do continente e apontasse para as soluções que culminassem no estabelecimento da civilização. Entre as várias correntes intelectuais, podemos destacar as mais importantes: Evolucionismo de Herbert Spencer, Positivismo de Auguste Comte, Darwinismo Social e Teoria das Raças do conde Gobineau.

Estas doutrinas seguem um eixo interpretativo comum: a busca de leis que estabeleçam as etapas da evolução das sociedades. Fortemente influenciadas pelo organicismo e biologismo, estas teorias partiam do pressuposto da existência de sociedades simples representadas pelos povos primitivos e sociedades ocidentais complexas. A distinção entre as duas passava pela compreensão das leis do progresso, que levaria as sociedades ao patamar de superiores.

Do ponto de vista político, a busca de leis que revelassem as razões da existência de sociedades “inferiores” e sociedades “superiores” têm como consequência principal a justificativa do domínio das burguesias européias no momento da expansão mundial do capitalismo¹. Para as oligarquias²

* Professor de História da América da UFPA, Mestre em História pela USP, Doutorando em História da América pela USP.

¹ KILL, James. *A Europa desde 1870*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982. e HOBBAWM, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Insulam II, Jul/Dez/1996

latino-americanas, a explicação da “inferioridade” das nações do continente só poderia ser encontrada nas classes populares constituídas por negros, índios e mestiços. As constantes rebeliões dos setores subalternos passaram a ser explicadas pela questão racial. Assim, formulada na Europa e sem grandes repercussões nos meios intelectuais europeus, a teoria das raças ganha prestígio na América Latina, alcançando caráter científico. Além do determinismo climático e geográfico, os intelectuais latino-americanos acreditavam também que o sangue tem papel fundamental na evolução histórica.

Para uma melhor compreensão das correntes intelectuais que vigoraram nos séculos XIX e XX na América Latina, é necessário uma análise sistemática destas idéias. Mas isto não significa que a ordem que seguiremos esteja subordinada a algum nível hierárquico ou cronológico. Até mesmo porque muitos intelectuais absorveram partes diferentes das correntes e recriaram linhas interpretativas a partir dos seus objetos de análise.

Positivismo

Na sua obra “*El Positivismo y La Circunstancia Mexicana*”³, o filósofo mexicano Leopoldo Zea afirma que as idéias de Auguste Comte (1798-1857) adquiriam importância na América Latina por representarem os interesses de uma burguesia que lutava desesperadamente para firmar-se no poder. Durante a Revolução Francesa, a burguesia esgrimia as palavras Liberdade, Fraternidade e Igualdade na luta contra os privilégios feudais. Passada a tempestade revolucionária e consolidado o domínio burguês, um novo perigo surge no horizonte da sociedade francesa: o proletariado.

² Para uma definição de oligarquia, consultar: MAR, José Matos (org.) *La oligarquía en el Perú*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1969.

³ ZEA, Leopoldo. *El positivismo y la circunstancia mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

Temendo a revolução social, a burguesia armou-se ideologicamente para enfrentar o anarquismo e o socialismo com as máximas tomadas emprestadas do positivismo: Ordem e Progresso. Segundo Leopoldo Zea

“Para invalidar una filosofía revolucionaria era menester una filosofía contrarrevolucionaria, de orden. Pero esto había de hacerse sin caer en el antiguo orden. Revolución y antiguo orden eran los peligrosos Escila y Caribdis de La burguesía europea; era menester un nuevo orden que escapase a estos peligros.”⁴

Para Auguste Comte o termo positivismo é resultado da expressão “política positiva”. Com isso Comte desejou demonstrar que só considerava as verdades científicas, isto é positivas, na interpretação da história. Suas idéias foram divulgadas numa série de conferências intitulada Curso de Filosofia Positiva, que ocorreu entre 1830 e 1842. Estabelecendo claramente uma separação entre o estudo físico dos fenômenos e a metafísica, o pensamento comtista defendia a observação e a experiência como meios para alcançar o saber científico e compreender as leis invariáveis que regiam tanto os fenômenos naturais quanto os sociais.

Na América Latina as idéias positivistas tiveram um grande impacto. Pelas razões que afirmamos acima, a burguesia agro-mineiro-exportadora lutava, a partir da segunda metade do século XIX, para consolidar seu espaço na economia capitalista em expansão. Se por um lado enfrentava as forças tradicionalistas, representadas pela Igreja Católica e pelos grandes *hacenderos* não envolvidos com a economia de exportação, por outro, temia que os setores populares cada vez mais rebeldes assumissem os ideais revolucionários que grassavam pela Europa. O Positivismo, ao defender a laicização da sociedade, enfraquecia o poder da Igreja. Quando erigia a civilização industrial como ápice da evolução da humanidade,

⁴ Idem, op.cit. p. 40

fazia uma exaltação do capitalismo. Ao afirmar o lema Ordem e Progresso, desejava colocar um fim no “caos revolucionário” que convulsionava o continente europeu⁵. Por fim, a interpretação etapista e evolucionista da concepção histórica comtista respaldava a idéia de progresso, tão cara aos intelectuais latino-americanos, ansiosos pela superação da “barbárie”.

Chile - Um dos primeiros pensadores latino-americanos a difundir o positivismo foi o chileno José Victoriano Lastarria (1817-78). Este intelectual, autor do livro *“Miscelánea Histórica y Literaria”*, publicado em 1868, não absorveu acriticamente as idéias de Auguste Comte, pois ao mesmo tempo em que elogiava os fundamentos científicos da interpretação da organização social propostos pelo positivismo, criticava o apoio dado por Comte ao ditador Luís Bonaparte. Suas divergências com o positivismo advinham do liberalismo baseado em Stuart Mill. Para Lastarria o Estado devia estar a serviço da liberdade do indivíduo. Segundo ele,

*“La misión del Estado es de representar el principio del derecho en la sociedad, tanto en sus relaciones exteriores, empleando la fuerza, cuando sea necesario defender ese derecho, como en lo interior, para facilitar a la sociedad y a cada uno de sus miembros las condiciones de su existencia y desarrollo.”*⁶

Em 1873, Lastarria fundou a Academia de Bellas Letras tomando como modelo a existente na França, que teve como objetivos a divulgação de obras literárias, discussão de filosofia e obras científicas dentro do espírito positivista. A presença de Lastarria foi tão importante para o desenvolvimento intelectual do Chile, que é considerado por José Joaquín Brunner como um dos fundadores da sociologia naquele país.⁷

⁵ Temendo uma explosão revolucionária na França, Auguste Comte apoia o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em 1851.

⁶ Citado por: ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. México: Editorial Pormaca, 1965. p. 7

⁷ BRUNNER, José Joaquín. *El caso de la sociología en Chile*. Santiago: FLACSO, 1988.

Peru - Um dos maiores expoentes do positivismo no Peru foi o professor Manuel González Prada (1848-1918). Analisando o trauma sofrido pelo Peru com a derrota para o Chile na Guerra do Pacífico (1879-83), González Prada propôs a criação de um novo homem, pautado na ciência e na liberdade, para romper com o passado humilhante e edificar uma nação livre dos caudilhos e dos preconceitos.

Assim como Lastarria, González Prada não foi um positivista ortodoxo. Fazendo uma junção do romantismo, liberalismo e anarquismo, utilizava o método positivista para combater as forças conservadoras e, principalmente, a Igreja Católica. No seu livro "*Anarquía*" afirma que

*"La religión, que se alia para adquirir fuerzas y dominar a sus aliados, se juzga desposeída de un legítimo derecho cuando no reina sola... y ninguna religión más absorvente, más agresiva, más militante que el catolicismo."*⁸

Mesmo tendo como meta a edificação de uma nova sociedade, não concordava com as utopias, afirmando que o Peru só superaria sua condição de país atrasado se mirasse no exemplo das grandes nações do século XIX e fizesse da prática científica sua religião. Mas não seria qualquer ciência que levaria o país a modificar sua realidade, e sim a ciência positiva elaborada por Auguste Comte. González Prada citava em suas obras o próprio Comte, Spencer, Mill e Darwin. O que demonstrava seu profundo conhecimento das ciências na Europa e sua opção pelos autores influenciados pelo positivismo.

Bastante heterodoxo era o positivismo de González Prada. Num dos seus livros intitulado *Nuestros Índios*, ele rompeu com o determinismo racial e com o darwinismo social em vigor no final do século XIX. Partindo da análise segundo a qual não existiam raças superiores e raças inferiores, González

⁸ Citado por: ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. México: Editorial Pormaca, 1965, p.61.

Prada afirma que o reconhecimento da superioridade do homem branco servia exclusivamente para justificar a dominação exercida pelos europeus nos seus impérios coloniais. Segundo González Prada: "*Siempre que el indio se instrue en colegios o se educa por el simple roce con personas civilizadas, adquiere el mismo grado de moral y cultura que el descendiente español.*"⁹ Para o historiador peruano David Sobrevilla¹⁰ fica muito difícil enquadrar ou até mesmo classificar o pensamento de González Prada. Por incorporar múltiplos elementos intelectuais da sua época, ele deve ser encarado como ele mesmo se autodenominava: *Un pensador libre*.

México - Para os mexicanos, a proximidade com os Estados Unidos sempre foi uma ameaça. Depois da guerra de 1846, quando os mexicanos perderam mais da metade do seu território para os norte-americanos, a ameaça transformou-se em dura realidade. A língua inglesa, a religião protestante, a cultura política anglo-saxônica e a pretensa superioridade branca do *Colosso do Norte* eram marcas diferenciais entre o México de religião católica-asteca, mestiço de língua espanhola-indígena, cultura política hispano-americana.

Segundo alguns pensadores mexicanos a melhor maneira de superar a situação de inferioridade do país seria a educação. A doutrina que justificava esta preferência pelo processo educativo era o positivismo, pois possibilitaria aos mexicanos a organização mental e social de que a nação estava carente. Na concepção do intelectual Telésforo Garcia, os países que seguiam o idealismo ou as filosofias metafísicas como a Alemanha, França, Itália e Espanha eram vítimas da Igreja e das tiranias. Já países que seguiam o método experimental como ciência, viviam na sociedade positiva. O responsável pela introdução do positivismo no México, o educador Gabino Barreda (1818-81), realizou uma reforma educacional durante o

⁹ Idem, ibidem, p.62

¹⁰ SOBREVILLA, David. *Las Ideas en el Perú contemporaneo*. Lima: Editorial Juan Mejia Baca, 1981.

governo liberal de Benito Juárez, em 1867, pautado na doutrina positivista.

Com a chegada ao poder do general Porfirio Díaz em 1878, um ciclo de revoluções liberais e restaurações conservadoras chegava ao fim. Na capital mexicana, um novo grupo político se forma e expressa suas idéias através do jornal *La Libertad*, cujo lema era a máxima de Auguste Comte: *Orden y Progreso*. Nas páginas deste jornal, apareceram artigos em que a ordem social vinha em primeiro lugar. Os articulistas assumiram a posição de conservadores, mas diferentes dos conservadores herdeiros políticos do período colonial. Seu conservadorismo se expressava na necessidade de abandonar as utopias, pois não só eram impraticáveis, como perigosas, por mobilizarem as camadas sociais ignorantes contra as prerrogativas do poder. Defendiam o desenvolvimento social mediante o estabelecimento da ordem.

O desafio maior para estes intelectuais era como estabelecer simultaneamente a paz social e o desenvolvimento económico. O México já experimentara períodos ditatoriais que foram desastrosos para o país. O erro - no entender destes intelectuais positivistas - não estava na ditadura em si, pois a doutrina positivista não se opunha à ditadura republicana, mas na forma personalista como o poder era exercido. Para os intelectuais em torno do jornal *La Libertad*, o México precisava de um governo forte, com regras claras, para eliminar as forças conservadoras e deter as rebeliões populares. Para Francisco G. Gomes, um dos principais articulistas do *La Libertad*: “*Ya hemos realizado infinidad de derechos que no producen más que miséria y malestar a la sociedad. Ahora vamos a ensayar un poco de tiranía honrada, a ver qué efectos produce.*”¹¹ A referência era ao ditador Porfirio Díaz que, com o apoio destes intelectuais positivistas, ficaria no poder até 1910.

¹¹ Citado por ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. México: Editorial Porrúa, 1965, p. 170

Brasil - Foi a partir da década de setenta que o positivismo ganhou força no Brasil.¹² Pereira Barreto, um intelectual anticlerical que realizara estudos na França, foi o responsável pela difusão sistemática das idéias de Auguste Comte. Em 1876, era fundada no Rio de Janeiro, capital do Império, a primeira sociedade positivista no país, ainda sem caráter religioso. Em 1877, a sociedade positivista foi transformada em Sociedade Positivista do Rio de Janeiro e, em 1877, finalmente adquiriu a forma de Igreja Positivista do Brasil.

É difícil medir a influência do positivismo no Brasil. Para intelectuais como Oliveira Torres: "O positivismo, como filosofia política, foi a causa da República"¹³, e para Cruz Costa: "Eles [os positivistas] tiveram insignificante irradiação."¹⁴ Isso demonstra a polêmica criada em torno da verdadeira participação dos positivistas no processo histórico brasileiro. A melhor forma de analisar o positivismo é fazer uma distinção entre ortodoxos e heterodoxos. E por fim, entender como a doutrina positivista repercutiu entre os militares no final do século XIX.

Segundo Antônio Paim¹⁵, o grupo positivista ortodoxo teve como epicentro a Igreja Positivista, liderada por Miguel Lemos (1854-1916) e Teixeira Mendes (1855-1927). Responsável pela difusão das idéias comtistas originais, a Igreja Positivista ficou restrita a um pequeno número de adeptos, constituindo uma verdadeira seita. Já o positivismo heterodoxo fugiu da ritualização religiosa exigida pelo Templo Positivista e atingiu um grande contingente de intelectuais partidários das idéias de progresso e anticatolicismo existentes no final do século. A exaltação da ciência, a lei dos Três Estados e a

¹² COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. Cap. I. *As idéias no século XX*.

¹³ OLIVEIRA TORRES, João Camilo de. *O positivismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1943. p. 58.

¹⁴ COSTA, João Cruz. *op. cit.* p. 25

¹⁵ PAIM, Antonio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijaldo, 1957. Cap. 1. *A formação da corrente política de inspiração positivista*.

promessa de edificação de uma civilização industrial antiliberal acrescentaram elementos novos à mentalidade autoritária das elites agrárias.

Os pontos de discussão em torno dos problemas nacionais utilizam os conceitos e interpretações positivistas. "Anarquia mental", "a ordem é o fator do progresso", "a pedantocracia", "os mortos governam os vivos" e "integração do proletariado", são afirmações originadas da doutrina positivista e que fazem parte do debate político dos intelectuais preocupados em encontrar uma solução para o país que não convulsionasse a estrutura social existente. Pois, como afirma Paulo Eduardo Arantes: "Até mesmo os mais etéreos doutrinários do Apostolado, plantados no ar porém com os pés no chão, volta e meia punham anúncio em jornal oferecendo boa recompensa pela captura de escravo fujão."¹⁶

Um dos principais positivistas heterodoxos foi o militar republicano Benjamin Constant. Professor da Escola Militar do Rio de Janeiro, rompeu em 1882 com a Igreja Positivista do Brasil por discordar da estrutura religiosa e ditatorial do Apostolado, dedicando-se, a partir de então, aos estudos matemáticos e a difusão da Doutrina Positivista entre os jovens cadetes. Quando a República foi decretada pelos militares (1889), muitos jovens oficiais influenciados pelas idéias comtistas participaram entusiasticamente dos primeiros momentos republicanos. Pois, através dos governos militares de Deodoro e Floriano, acreditaram na possibilidade de instauração de uma ditadura militar republicana. Com o fim do governo do general Floriano Peixoto (1891-94) e início do governo do paulista Prudente de Moraes, os oficiais positivistas ficaram politicamente isolados e temporariamente subordinados à República Oligárquica em formação.

Mas foi no Rio Grande do Sul, com Julio de Castilhos (1860-1903) que o positivismo adquiriu caráter institucional.

¹⁶ ARANTES, Paulo Eduardo. *O positivismo no Brasil*. In *Novos Estudos CEBRAP* n. 21, julho de 1988, p. 188

Com a Constituição Estadual, votada em 1891, as idéias positivistas alcançaram expressão na lei que influenciaria a política rio grandense por mais de quarenta anos. A principal característica da Constituição Estadual, elaborada por Julio de Castilhos tendo como base a obra de Auguste Comte "*Sistema de Política Positiva*", era a centralização do poder nas mãos do Executivo. Elaborava as leis, publicava e estabelecia um prazo para apresentação de emendas. Segundo a Constituição Estadual, o Poder Executivo ficava livre para aceitá-las ou recusá-las, cabendo a última palavra ao Presidente do Estado.

Durante toda a República Velha (1889-1930) o grupo castilhista controlou o poder no Rio Grande do Sul. O mecanismo encontrado para a perpetuação no governo foi a possibilidade de reeleição para Presidente do Estado, dispositivo político existente apenas na Constituição rio grandense. Encerrado seu governo em 1898, Julio de Castilhos transferiu o poder para seu aliado Borges de Medeiros, que permaneceu no governo por trinta anos, só sendo substituído em 1928 por Getúlio Vargas.¹⁷

Determinismo Geográfico

No século XVIII, um grupo de economistas franceses começou a combater o mercantilismo. Baseados em reflexões sobre a economia colonial, esses economistas formularam uma série de idéias que culminaram na valorização da produção como geradora de riquezas de uma nação e não mais exclusivamente o comércio, como foi prática dos impérios coloniais. Nascia a fisiocracia, doutrina econômica que

¹⁷ Nos primeiros anos do século XX o positivismo enfrentou acirrada oposição, chegando a ser desacreditado enquanto ciência nos anos vinte. Segundo o historiador Richard Morse: "During the early decades of our century, the positivist persuasion in Latin America came under multiple attack from Arielistas, vitalists, Nietzscheans, socialists, neo-Thomists, and many brands of democratic modernizer." *Latin American Intellectuals and the city, 1860-1940*. In *Lat. Amer. Stud.* 10,2. Printed in Great Britain, 1978. p. 232

acreditava que somente a terra ou a natureza podia criar o novo. Essa doutrina irá influenciar o liberalismo do século XIX.

Montesquieu na sua obra "*O Espírito das Leis*" (1748) abordou a geografia como um dos elementos principais na história humana. As leis naturais, responsáveis pelas leis e costumes de cada país, estavam diretamente relacionadas com o meio físico, isto é, com o tipo de terreno, o clima da região, a temperatura, que influenciavam decisivamente na produção agrícola e, conseqüentemente, no destino das sociedades. Segundo Roberto Ventura¹⁸, Montesquieu construiu uma teoria geral do clima para explicar a pluralidade dos costumes e das leis entre os povos. No "*O Espírito das Leis*" ele escreve: "O império do clima é o primeiro de todos os impérios."

Um outro pensador francês do século XVIII colocou a geografia e o clima no centro das interpretações históricas. Buffon, no livro *História Natural do Homem* (1749-79), hierarquizou as sociedades de acordo com o clima. A Europa, por estar localizada entre 40 e 50 graus de latitude, possui o clima temperado, tendo por isto homens mais belos e bem-feitos. Sendo assim, segundo Buffon, a Europa era o centro da civilização, pois as melhores instituições se desenvolvem nos melhores climas.

Estes dois exemplos significativos, mas não únicos, são importantes para se perceber a transformação na interpretação das sociedades. Até o século XVII predominava a concepção teológica da história, em que os acontecimentos nas sociedades tinham uma determinação divina.¹⁹

Com a Reforma Protestante e o Iluminismo, muitos cânones religiosos que justificavam a intermediação católica entre Deus e a história foram perdendo credibilidade. Com o século XVIII, outros níveis de determinação guiados pela razão

¹⁸ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Cap. 1. *Civilização nos trópicos?*

¹⁹ DOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Lisboa: Europa-América, 1983. Cap. 1. *A história na Idade Média*. BURKE, Peter. *A escola dos annales*. São Paulo: UNESP, 1991. Cap. 1. *O antigo regime na historiografia e seus críticos*.

começaram a surgir. O estudo dos povos da África, América e Ásia revelaram diferenças profundas com os hábitos, costumes e leis da Europa. Os europeus em expansão capitalista tinham que encontrar explicações convincentes para a dominação exercida no resto do mundo. A geografia, o clima e a raça foram argumentos fortes, respaldados na ciência e na razão, para incutir entre os povos conquistados o sentimento de inferioridade.

Durante o século XIX o determinismo climático ainda perdurava como explicação para a superioridade do homem branco europeu. Um dos mais influentes pensadores desta concepção foi o inglês Henry Thomas Buckle (1821-62). Autor de vida curta mas de obra extensa, Buckle escreveu "*História da Civilização na Inglaterra*", entre 1857 e 1861. Neste trabalho publicado em vários volumes, defendeu o determinismo climático como filosofia da história. Sem nunca ter visitado o Brasil, dedicou-lhe oito páginas do seu trabalho, onde aparecem as suas idéias de inferioridade do homem latino-americano, por habitar terras quentes. Nas palavras de Buckle:

*"Em nenhum outro lugar há tão penoso contraste entre a grandiosidade do mundo exterior e a pequenez do interno... E a mente, acovardada por essa luta desigual, não só foi incapaz de avançar, mas sem ajuda estrangeira teria, indubitavelmente, regredido. Porque mesmo no presente, com todos os aperfeiçoamentos originários da Europa, não há sinais de progresso real."*²⁰

Conclusão

A análise efetuada neste estudo sobre o positivismo e o determinismo geográfico e seu impacto no meio intelectual na América Latina, serve para percebermos que os pensadores do século XIX estavam preocupados não apenas em explicar as razões do atraso do continente mas, principalmente, em

²⁰ Citado por SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.45

encontrar justificativas sociais e climáticas que se responsabilizassem pelo distanciamento existente entre a Europa e a América Latina.

Em nome da “Civilização”, muitos intelectuais apoiaram e incentivaram atrocidades cometidas contra os índios, negros, mestiços. Para superar a “Barbárie”, muitos pensadores latino-americanos negaram a contribuição cultural existente no continente e voltaram-se de corpo e alma para os valores europeus. Um processo que começou no século XVI e que continua até os dias de hoje.